

CHARLES DARWIN E  
HERMAN MELVILLE  
ARQUIPÉLAGO DAS  
GALÁPAGOS OU AS ILHAS  
ENCANTADAS

VIAGENS / RELÓGIO D'ÁGUA



Começarei por descrever os hábitos da tartaruga de terra (*Testudo nigra*, anteriormente dita *indica*), tantas vezes referida. Estes animais encontram-se, segundo creio, em todas as ilhas do arquipélago; em todo o caso, sem dúvida, na maioria de entre elas. Frequentam de preferência as partes altas e húmidas, mas vivem também nas extensões áridas inferiores. Já mostrei, citando os números de animais capturados num só dia, como são abundantes. Algumas delas atingem dimensões enormes: Mr. Lawson, inglês e vice-governador da colónia, contou-nos que vira várias tartarugas tão grandes que eram necessários entre seis e oito homens para as levantarem de terra; e ainda que alguns exemplares tinham fornecido cerca de duzentas libras de carne. Os velhos machos são os animais maiores; as fêmeas só raramente atingem grandes dimensões comparáveis: o macho pode também distinguir-se rapidamente da fêmea por meio do maior comprimento da cauda. As tartarugas de terra que habitam ilhas onde não há água, nas partes mais baixas e nas demais partes áridas, alimentam-se principalmente de um cato suculento. As que frequentam as regiões mais altas e mais húmidas, de folhas de várias árvores, de uma espécie de baga chamada *guayavita*, que é ácida e áspera, e também de um líquen filamentosos e verde pálido (*Usnera plicata*), que cai sob forma entrançada dos ramos das árvores.

A tartaruga de terra procura avidamente a água, bebendo dela em grandes quantidades e chafurdando na lama. Só as ilhas maiores têm nascentes, e estas situam-se sempre numa direção central e a uma altitude considerável. Por conseguinte as tartarugas de terra, que frequentam os trechos inferiores, são obrigadas, quando têm sede, a percorrer uma longa distância. Assim veem-se trilhos largos e bem calcados que se ramificam em todas as direções das nascentes para a zona costeira;

e foi seguindo-as que os espanhóis descobriram os primeiros sítios com água doce. Quando desembarquei na Ilha Chatham, não conseguia conjecturar que animal viajaria assim tão metódicamente e ao longo de trilhos bem definidos. Nas imediações das nascentes era um espetáculo curioso contemplar muitas daquelas enormes criaturas, umas avançando de pescoço estendido, outras regressando depois de obtida a sua ração de água. Quando a tartaruga chega à fonte, sem prestar atenção ao eventual espectador, mergulha a cabeça até cobrir os olhos na água, e avidamente bebe a grandes sorvos ao ritmo de cerca de dez por minuto. Os habitantes das ilhas dizem que cada animal permanece por três ou quatro dias na vizinhança da água e só depois regressa às zonas mais baixas; mas não eram unânimes quanto à frequência das visitas às nascentes. É provável que o animal as regule segundo a natureza dos alimentos com que se está a sustentar. Todavia, é seguro que as tartarugas de terra subsistem até mesmo em ilhas onde não há outra água senão a da chuva que cai durante alguns dias por ano.

Creio ser indubitável que a bexiga das rãs serve como um depósito da humidade da qual aquelas têm necessidade para viver, e o mesmo deverá passar-se com as tartarugas. Por algum tempo após a visita às fontes, as suas bexigas urinárias dilatam-se com o líquido, que é descrito como diminuindo gradualmente de volume, tornando-se menos puro. Os habitantes, quando percorrem as terras baixas e são afligidos pela sede, aproveitam-se com frequência desta circunstância, e bebem todo o conteúdo da bexiga do animal: num destes que vi morto, o líquido era perfeitamente límpido e o seu sabor não continha mais do que um leve travo amargo. Contudo, os habitantes começam sempre por beber a água do pericárdio, que descrevem como sendo a melhor.

As tartarugas de terra, quando se movem intencionalmente em certa direção, avançam noite e dia e chegam ao fim do seu percurso muito mais depressa do que seria de esperar. Os habitantes, através da observação de animais marcados, consideram que cobrem uma distância de cerca de oito milhas em dois ou três dias. Uma grande destas tartarugas que observei andava a uma velocidade de sessenta jardas em dez minutos, o que equivale a 360 jardas por hora, ou quatro milhas por dia — tendo em conta algum tempo de que o animal necessita para comer pelo caminho. Durante a época do acasalamento, quando o macho e a fêmea se juntam, o macho emite um mugido rouco, que, ao que se diz, pode ser ouvido a mais de cem jardas de distância. A fêmea nunca emite qualquer som, e o macho só o faz nas referidas ocasiões; assim, quando alguém ouve o mugido, sabe que os dois animais estão juntos. As fêmeas estavam agora (outubro) na época da postura dos ovos. Num trecho de solo arenoso, deposita os seus ovos e cobre-os depois com areia; mas quando o solo é rochoso, distribui-os indiscriminadamente por quaisquer concavidades: Mr. Bynoe encontrou vários ovos postos numa fenda do terreno. O ovo é branco e esférico; medi um deles que tinha sete polegadas e três oitavos de circunferência — maior, por conseguinte, do que um ovo de galinha. As jovens tartarugas, que acabam de sair da casca do ovo, são habitualmente presa de aves carniceiras. As mais velhas, de um modo geral, morrem devido a acidentes, como, por exemplo, a queda num precipício: pelo menos, houve vários habitantes que me disseram que nunca tinham encontrado um animal cuja morte não se devesse a uma causa evidente.

Os habitantes creem que as tartarugas são absolutamente surdas; é certo, em todo o caso, que não ouvem os passos das

peças que delas se aproximam ou as seguem. Diverti-me muitas vezes ultrapassando um destes grandes monstros, enquanto ele se deslocava tranquilamente, e vendo como, subitamente, no momento em que eu o ultrapassava, recolhia a cabeça e as patas, e soltando um silvo profundo se deixava cair no solo com um som pesado, como que ferido de morte. Também me pus muitas vezes de pé em cima da sua concha e, batendo na sua parte traseira, conseguia que o animal se levantasse e andasse; mas era-me muito difícil manter o equilíbrio. A carne da tartaruga de terra é amplamente consumida, tanto fresca como salgada, e com a sua gordura prepara-se um belo óleo límpido. Quando um homem apanha uma tartaruga, faz-lhe um golpe na pele junto à cauda para verificar se a espessura da camada gorda coberta pelo dorso da concha é ou não suficiente. Caso o não seja, o homem liberta o animal e diz-se que este recupera rapidamente da estranha operação. Para se deter uma tartaruga de terra, não basta virá-las de patas para o ar, como se faz com as tartarugas marinhas, pois aquela é muitas vezes capaz de retomar a sua posição natural.

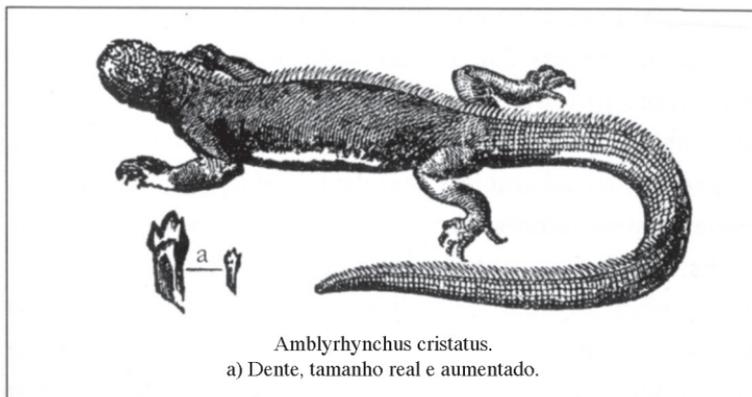
É quase fora de dúvida que esta tartaruga de terra seja um aborígene das Ilhas Galápagos, pois que se encontra em todas, ou quase todas, as ilhas, até mesmo nalgumas das mais pequenas onde não há água. É difícil conceber que se trate de uma espécie importada, uma vez que o arquipélago era outrora muito pouco frequentado. Acresce que os velhos flibusteiros encontraram tartarugas muito mais numerosas do que hoje. Wood e Rogers, em 1708, dizem que segundo a opinião dos espanhóis o animal não aparece noutros lugares deste quadrante. Hoje encontramos-las distribuídas por uma área muito maior; mas podemos perguntar-nos se haverá outras terras em que seja aborígene. Os ossos de uma tartaruga de terra des-

cobertos nas Ilhas Maurícias juntamente com o extinto *dodo* têm sido geralmente considerados como sendo desta espécie de tartaruga de terra; se assim fosse, aquela seria nas ilhas referidas uma espécie indígena; mas M. Bibron comunica-me julgar que os ossos são diferentes, do mesmo modo que o é a espécie de tartarugas de terra ali hoje existentes.

O *Amblyrhynchus*, um género notável de lagartos, confina-se a este arquipélago; existem duas espécies suas, semelhantes uma à outra pela sua forma geral, mas uma é terrestre e a outra é aquática. Esta última espécie (*A. cristatus*) foi caracterizada pela primeira vez por Mr. Bell, que previu bem pela sua cabeça curta e larga e fortes garras de igual comprimento que os seus hábitos de vida deveriam ser muito peculiares, e diferentes dos do seu parente mais próximo, a iguana. É extremamente comum em todas as ilhas do grupo e vive exclusivamente nas praias de mar rochosas, nunca sendo encontrado (pelo menos eu nunca o vi) a dez metros de distância da beira do mar. É uma criatura de aspeto repulsivo, com uma cor negra e suja, estúpida e lenta de movimentos. Um destes lagartos, ao completar o seu crescimento, é habitualmente de uma jarda, mas alguns chegam a medir quatro pés; um animal grande pesava vinte libras. Na Ilha de Albemarle parecem crescer mais do que em qualquer outro sítio. Têm as caudas achatadas para os lados e os dedos das quatro patas parcialmente unidos por membranas. Ocasionalmente, podem ser vistos na água a cerca de cem jardas da praia, nadando pelas imediações; e o Capitão Collnett escreve no seu *Voyage*: «Saem em grupo para pescar no mar, apanham sol nas rochas; e podemos chamá-lhes caimões em miniatura». Todavia, não devemos pensar que se alimentam de peixe. Quando está dentro de água, este lagarto nada com perfeito à-vontade e rapidez, movendo si-

nuosamente o corpo e a cauda achatada, com as pernas imóveis e bem coladas ao corpo. Um marinheiro atirou de bordo para o mar um deles, amarrado a um grande peso, pensando que assim o mataria; mas quando, uma hora mais tarde, recolheu a linha, o animal continuava vivo e perfeitamente ativo. Os seus membros e fortes garras adaptam-se admiravelmente à reptação pelas massas fendidas e ásperas de lava que aqui formam todas as costas. Nessas rochas negras podem ver-se frequentemente grupos de seis ou sete destes repugnantes répteis, a uns quatro pés acima das águas, deitados ao sol com as patas estendidas.

Abri o estômago de vários exemplares e encontrei-os bem cheios de uma alga fina (*Ulvae*), que cresce em delgadas expansões foliáceas, de uma brilhante cor verde ou vermelha escura. Não me lembro de ter observado qualquer quantidade desta alga nas rochas que a maré cobre e descobre, a pouca distância da praia. Se a minha observação for correta, estará então explicado por que razão estes animais são de vez em quando vistos no mar. Os estômagos que examinei não continham senão a alga referida. Mr. Bynoe, no entanto, descobriu um pedaço de caranguejo num destes animais; mas o facto pode ter-se devido a um acaso, do mesmo modo que vi uma vez uma lagarta envolta em líquen no ventre de uma tartaruga de terra. Os intestinos eram grandes, como acontece noutros animais herbívoros. A natureza dos alimentos ingeridos por este lagarto, bem como a estrutura da sua cauda e das suas patas, e o facto de ser visto a nadar afastando-se voluntariamente da costa, provam cabalmente os seus hábitos aquáticos; e contudo há a este respeito uma estranha anomalia, isto é, que, quando assustado, não entra na água. Torna-se assim fácil conduzi-los a retirar-se para uma pequena ponta de terra que



*Amblyrhynchus cristatus*.

a) Dente, tamanho real e aumentado.

se isola no mar, onde se deixam apanhar pela cauda de preferência a entrarem na água. Não parecem fazer ideia do que seja morder; mas se estiverem muito assustados soltam uma gota de fluido por cada narina. Certa ocasião atirei várias vezes um deles tão longe quanto pude para dentro de uma bolsa de água profunda que a maré deixara ao retirar-se, mas o animal regressou invariavelmente em linha reta ao ponto onde eu me encontrava. Nadava junto ao fundo, com um movimento muito elegante e ágil, e por vezes apoiava-se com as patas no fundo ondulado ao avançar. Assim que chegava perto da margem, mas estando ainda dentro de água, tentava esconder-se entre os tufos de algas ou penetrar numa fenda. Quando pensava que o perigo passara, rastejava pela rocha seca e afastava-se o mais depressa que podia. Consegui apanhar várias vezes este mesmo lagarto conduzindo-o até um ponto junto à água, onde nada, embora dotado de tão perfeitas capacidades de mergulhar e nadar, o induzia a entrar na água; e sempre que voltava a atirá-lo para dentro dele, ei-lo que regressava da maneira que acima descrevi. Talvez este singular exemplo de estupidez aparente se deva às circunstâncias que fazem com que este

réptil não tenha inimigos na costa, ao passo que no mar será com frequência presa dos numerosos tubarões.

Portanto, sob a pressão talvez de um instinto fixado pela hereditariedade que lhe indica a praia como lugar seguro, seja qual for a situação de emergência, é aí que procura refúgio.

Durante a nossa visita (em outubro) vi muito poucos indivíduos ainda pequenos desta espécie, e nenhum, segundo sou levado a crer, com menos de um ano de idade. Tal circunstância significava provavelmente que a época da procriação ainda não começara. Perguntei várias vezes aos habitantes se sabiam onde eram postos os ovos: responderam-me que nada sabiam da reprodução daqueles animais, embora conhecessem bem os ovos da espécie terrestre — facto bastante extraordinário, quando temos em conta a abundância da espécie aquática.

Consideraremos agora a espécie terrestre (*A. demarllii*), com a sua cauda redonda e os seus dedos sem membranas. Este lagarto, em vez de poder encontrar-se como o primeiro em todas as ilhas, confina-se à parte central do arquipélago, ou seja às ilhas Albemarle, James, Barrington e Indefatigable. Para sul, nas ilhas Charles, Hood e Chatham, e para norte, nas Towers, Bindloes e Abingdon, nunca vi nem ouvi referir um só destes animais. É como se tivesse sido criado no centro do arquipélago, dispersando-se a partir daí, mas só dentro de um certo raio. Alguns destes lagartos habitam as partes altas e húmidas das ilhas, mas são muito mais numerosos nas zonas baixas e áridas próximas da costa. Não tenho melhor maneira de indicar o seu grande número do que referir que, quando fomos deixados na Ilha James, não pudemos durante algum tempo descobrir um espaço livre das suas tocas para armarmos a nossa única tenda. Como os seus irmãos, da variedade marítima, são animais feios de um cor de laranja amarelado

por baixo e de um castanho avermelhado por cima, e dado o seu ângulo facial reduzido exibem um aspeto singularmente estúpido. São talvez mais pequenos do que a espécie marinha; mas vários de entre eles pesavam entre dez e quinze libras. São indolentes e desajeitados nos seus movimentos. Quando não estão assustados, arrastam-se lentamente com as caudas e os ventres pegados ao solo. Param muitas vezes e dormitam por um ou dois minutos, de olhos fechados e com as patas traseiras estendidas no terreno árido.

Moram em buracos, que fazem por vezes entre fragmentos de lava, mas mais geralmente em trechos planos de toba branca e macia, semelhante ao arenito. Os buracos não parecem ser muito profundos, e penetram o solo segundo um ângulo pequeno, o que faz que, quando alguém caminha por cima dessas tocas dos lagartos, o solo parece ceder a cada passo, para maior incomodidade do caminheiro cansado. Este animal, quando cava o seu abrigo, trabalha alternadamente com um lado e o outro do corpo. Uma das patas dianteiras arranha o solo durante alguns momentos e atira a terra na direção da pata traseira, que está em boa posição para a impelir, por seu turno, para fora da entrada do buraco. Quando se cansa de trabalhar com um dos lados do corpo, começa a fazê-lo com o lado oposto, e assim um e outro se vão revezando. Estive a observar demoradamente um dos animais que procedia à operação descrita até ele se encontrar semitapado pela terra; depois, aproximei-me, e fi-lo sair, puxando-o pela cauda, o que o surpreendeu manifestamente e o fez virar a cabeça para ver o que se passava, até que me viu e ficou a fitar-me o rosto, como se perguntasse porque lhe puxara eu a cauda.

Alimentam-se durante o dia e não vagueiam muito longe das suas tocas; quando se assustam, correm para dentro delas

com uma precipitação atabalhoada. Exceto quando descem a encosta de um monte, não conseguem mover-se com agilidade, aparentemente devido à posição lateral das suas pernas. Nada têm de timorato: quando observam atentamente alguém, retorcem a cauda e, firmando-se nas patas dianteiras, levantam as cabeças na vertical com um movimento rápido, e tentam aparentar ferocidade; mas a verdade é que não são ferozes: basta que alguém desfira uma pancada na terra com o pé, para encolherem as caudas e fugirem o mais depressa que podem. Vi com frequência pequenos lagartos muscívoros que, quando observam alguma coisa, põem as suas cabeças para cima justamente da mesma maneira, embora ignore com que propósito o fazem. Se o detivermos e afligirmos com um pau, este *Amblyrhynchus* atacá-lo-á com violência; mas apanhei muitos deles pela cauda, sem que nunca tentassem morder-me. Se pusermos dois frente a frente, lutam e mordem-se com fúria, até se fazerem sangue.

Os indivíduos da espécie que habitam as terras baixas (e são a maioria de entre eles) mal podem provar uma gota de água ao longo de todo o ano; mas consomem copiosamente o cato suculento cujas folhas são de quando em vez quebradas pelo vento. Várias vezes lancei um pedaço de cato a dois ou três lagartos juntos, e era bastante divertido vê-los tentarem apoderar-se dele com a boca e levá-lo, como outros tantos cães esfaimados fariam com um osso. Comem com avidez, mas sem mastigar os alimentos. Os pássaros sabem que são criaturas inofensivas: vi um fringílideo de bico grosso debicando uma das extremidades de um pedaço de cato (muito apreciado por todos os animais das zonas baixas) enquanto um lagarto comia a outra extremidade; e a seguir, com a maior indiferença, o pequeno pássaro saltou para o dorso do réptil.

Abri o estômago de vários exemplares e encontrei-os cheios de fibras vegetais e de folhas de diferentes árvores, sobretudo de certa acácia. Nas terras mais altas alimentam-se principalmente das bagas ácidas e adstringentes da *guayavita*, sob cujos ramos vi estes lagartos e grandes tartarugas de terra alimentarem-se conjuntamente. Para conseguirem as folhas de acácia trepam às árvores baixas e atarracadas; e não é invulgar ver um par deles retouçando tranquilamente as folhas empoeirados num ramo vários pés acima do solo. Cozinhados, estes lagartos fornecem uma carne branca, que é apreciada pelos portadores de estômagos sem preconceitos.

Humboldt observou que na América do Sul intertropical, todos os lagartos que habitam regiões secas são muito apreciados à mesa. Os habitantes explicam que os lagartos que vivem nas terras altas e húmidas bebem água, mas que os outros não se deslocam (como as tartarugas de terra) da região baixa e estéril para a procurarem. Ao tempo da nossa visita, as fêmeas transportavam no interior dos seus corpos grandes ovos alongados, em grande número, que depois põem nas suas tocas, e que os habitantes das ilhas recolhem para comerem.

Estas duas espécies de *Amblyrhynchus* coincidem, como já afirmei, na sua estrutura geral, e em muitos dos seus hábitos. Nenhuma delas tem esses movimentos rápidos característicos dos géneros *Lacerta* e *Iguana*. Ambas são herbívoras, embora a variedade de vegetação de que se alimentam seja muito diferente. Mr. Bell nomeou o género baseando-se na exiguidade do focinho; com efeito, a forma da boca pode quase ser comparada com a da tartaruga de terra, e somos levados a supor que resulta de uma adaptação aos seus apetites herbívoros. É muito interessante descobrir assim um género bem caracterizado, com espécies marinha e terrestre, circunscrito a um

lugar tão confinado do mundo. A espécie aquática é de longe a mais notável, porque é a do único lagarto hoje existente que vive de produções vegetais marinhas. Como de começo observei, estas ilhas não são tão notáveis pelo número das espécies de répteis como pelos indivíduos dessas espécies; quando pensamos nos trilhos bem marcados feitos por milhares de enormes tartarugas de terra, nas muitas tartarugas de mar, nas grandes covas do *Amblyrhynchus* terrestre e nos grupos da espécie marinha que têm por hábito apanhar sol nas rochas costeiras de todas as ilhas, sou levado a admitir que não há outra parte do mundo na qual esta ordem substitua os mamíferos herbívoros de modo tão extraordinário. O geólogo, ao tomar conhecimento destes factos, evocará talvez a era secundária, quando lagartos, alguns deles herbívoros e alguns carnívoros, e de dimensões só comparáveis às das baleias de hoje, abundavam na terra e no mar. É pois digno da sua atenção o facto de este arquipélago, em vez de possuir um clima húmido e uma vegetação densa, só poder ser considerado extremamente árido, e, para uma região equatorial, notavelmente temperado.

Para concluir em matéria de zoologia: as quinze variedades de peixe de mar que aqui encontrei correspondem todas a novas espécies: pertencem a doze géneros, todos amplamente distribuídos, com a exceção do *Prionotus*, cujas quatro espécies anteriormente conhecidas vivem do lado oriental da América. Contei dezasseis grupos de conchas de terra e duas variedades muito marcadas, sendo todos estes grupos, com a exceção de um *Helix* que se encontra em Taiti, peculiares deste arquipélago: só uma concha de água doce (*Paludina*) se encontra também em Taiti e na Terra de Van Diemen (Tasmânia).

Charles Darwin, *Arquipélago das Galápagos*

Subir a uma alta torre de pedra é um exercício muito agradável por si só, além de ser a melhor maneira de contemplar o panorama da região em volta. E sabe ainda melhor quando a torre se ergue isolada e solitária, como a misteriosa torre de Newport<sup>26</sup>, ou quando se trata do único edifício sobrevivente de um castelo em ruínas.

Ora, nas Encantadas, temos a sorte de encontrar um nobre miradouro num rochedo extraordinário que os espanhóis há muito tempo denominaram de Rocha Redonda, pela sua forma particular. Da altura de cerca de noventa metros, erguendo-se do fundo do mar a umas dez milhas de terra, a noroeste do arquipélago montanhoso, a posição de Rock Rodondo assemelha-se, mal comparada, à do célebre campanário da Catedral de São Marcos em relação ao grupo emaranhado de velhos edifícios em seu redor.

Todavia, antes de subirmos para contemplar a extensão das Encantadas, a torre marinha em si merece que lhe prestemos especial atenção. Vemo-la a uma distância de trinta milhas e, não destoando do encantamento que prevalece sobre todo o arquipélago, quando pela primeira vez a avistamos de longe confundimo-la invariavelmente com uma vela. A quatro léguas de distância, numa tarde dourada e nebulosa, parece-se com um navio almirante espanhol, envergando velas resplandecentes. A todo o pano em todos os três mastros! Mas, quando nos aproximamos, a fragata encantada transforma-se subitamente numa torre rochosa.

A minha primeira visita ao local deu-se na bruma da madrugada. Tencionando pescar, tínhamos descido três botes e, quando nos afastámos cerca de duas milhas da nossa embarcação, achámo-nos, pouco antes da aurora, sob a sombra lunar de Rodondo. O seu aspeto era realçado e simultaneamente es-

batido pela ambiguidade crepuscular da hora. Uma enorme lua cheia ardia rasteira a ocidente como um farol a meio gás, projetando sobre o mar um doce matiz platinado, como a luz de brasas que esmorecem à meia-noite numa lareira; e, espalhando-se pelo oriente, o Sol invisível enviava pálidas intimações da sua chegada. Corria uma leve brisa; as ondas estremeciam, lânguidas; as estrelas cintilavam timidamente; toda a natureza parecia cansada do longo turno da noite, meio suspensa na expectativa do Sol. Era este o momento crítico para uma perfeita impressão de Rock Rodondo. O crepúsculo era apenas suficiente para revelar todos os contornos característicos, sem dissolver a difusa aura de encantamento.

Assente numa base descontínua, semelhante a uma escadaria banhada pelas ondas, como os degraus de um palácio aquático, a torre erguia-se em camadas sobrepostas, culminando numa tonsura. Estas camadas uniformes, que são o corpo da rocha, constituem uma das suas características mais peculiares. Ao sobreporem-se, encaixam em prateleiras redondas, de cima a baixo, uma camada assentando sempre sobre outra maior. E, tal como os beirais de qualquer velho celeiro ou abadia se enchem de andorinhas, também todos aqueles parapeitos rochosos estavam cheios de imensas aves marinhas. Beirais sobre beirais, e ninhos sobre ninhos. E, aqui e ali, longas meadas de viscos de um branco espectral manchavam a torre desde o mar até ao céu, responsáveis pelo facto de a rocha se parecer com uma vela vista de longe. Mas o demoníaco estridor dos pássaros perturbava a repousante visão encantatória. Não só roçagavam nos beirais, mas pairavam também sobre o cume numa densa nuvem, formando um dossel alado e ondulante. A torre é frequentada por pássaros aquáticos desde centenas de léguas em redor. A norte, a leste e a oeste, não há

mais nada senão o eterno oceano, pelo que o gavião-real vindo das costas da América do Norte, da Polinésia, ou do Peru, faz a sua primeira aterragem em Rodondo. E, todavia, apesar de Rodondo ser terra firme, nunca nenhum pássaro terrestre nele pousou. Imaginai se um pisco ou um canário lá pousassem! Seria como cair nas mãos dos filistinos, a pobre ave canora rodeada por esses bandos de rapaces, com bicos enormes e cruéis como punhais; pior que uma praga de gafanhotos.

Não conheço nenhum outro sítio onde melhor se possa estudar a História Natural das espécies raras de aves marítimas do que em Rodondo<sup>27</sup>. É o aviário do oceano. Nele pousam pássaros que jamais tocam num mastro ou numa árvore; pássaros-eremitas, que voam sempre sozinhos; pássaros-nuvem, que conhecem as zonas virgens do céu.

Comecemos por baixar o olhar até à prateleira mais abaixo de todas, que é também a mais larga e a mais perto do nível do mar. Que seres extraterrenos serão estes? Eretos como homens, mas muito menos proporcionados, dispõem-se em volta do rochedo como cariátides esculpidas, suportando a seguinte plataforma de beirais. Os seus corpos são grotescamente deformados, de bicos curtos, pés aparentemente sem pernas; e os membros que apresentam dos lados não são nem barbatanas, nem asas, nem braços. E realmente o pinguim não é nem carne nem peixe, nem ave; não pode ser comido nem no Carnaval nem na Quaresma; trata-se seguramente da criatura mais ambígua e menos amável que o homem jamais descobriu. Embora se movimente em todos os três elementos e, na verdade, possua características rudimentares comuns aos três, o pinguim não se sente à vontade em nenhum deles. Na terra, tropeça; no mar, contorce-se; no ar, esbraceja. Como que envergonhada do seu fracasso, a Natureza esconde este filho

enjeitado no fim do mundo, no estreito de Magalhães e na cave marinha de Rodondo.

Mas, vede, que coisa são aqueles regimentos desolados que se empoleiram na prateleira imediatamente superior? Que categoria ou espécie de grandes aves excêntricas? Que ordem marinha de Frades Cinzentos? Pelicanos. Os seus bicos alongados, e as pesadas bolsas coriáceas que deles pendem, dão-lhes um ar perfeitamente lúgubre. Uma raça meditabunda, passam horas a fio sem se mexerem. A sua plumagem baça e grisalha leva-nos a crer que foram polvilhados de cinzas. É na verdade um pássaro penitente, que com toda a propriedade assombra as costas carbonizadas das Encantadas, onde o próprio Job atormentado se poderia muito bem ter sentado e fustigado com cacos de telha<sup>28</sup>.

Mais acima reparamos agora no gaivotão, ou albatroz cinzento como é injustamente chamado, sendo um pássaro muito pouco majestático e poético, ao contrário do seu primo direito, o branco fantasma dos assombrados cabos da Boa Esperança e Horn.

Ao subirmos de prateleira em prateleira, achamos os inquilinos da torre dispostos gradualmente segundo a sua magnitude: — mergulhões, pardelas negras e sarapintadas, gaios, corvos-marinhos, aves-de-espermacete, gaivotas de todas as variedades: — coroas, principados, potências, dominando uns sobre os outros numa hierarquia senatorial; e, por toda a parte, como uma mosca que se repete num grande bordado, o endiabrado petrel, ou alma-de-mestre, entoa o seu desafio e alarme contínuo. Que esta misteriosa ave canora do oceano — tivesse ela cores vivas poderia, devido à sua evanescente irrequietude, aspirar à condição de borboleta do mar; e todavia, os seus chilreios sob a popa de um barco pressagiam maus agouros

aos marinheiros, tal como o toque da morte de detrás da guarnição da chaminé assusta o camponês — tenha o seu poiso de eleição nas Encantadas em muito contribui, aos olhos do marinheiro, para o seu temível encantamento.

À medida que avança o dia, aumenta o estridor dissonante. Os pássaros selvagens celebram as suas matinas com gritos que fazem tremer a terra. A cada momento, irrompem da torre bandos de aves que se juntam ao coro aéreo pairando no alto, e logo os seus lugares em baixo são ocupados por miríades dardejantes. Mas, perpassando toda esta desencontrada agitação, cuida ouvir límpidos acordes, prateados, semelhantes aos de um cornetim, como fios oblíquos de gotas de chuva sucedendo-se céleres numa torrente de cachoeira. Ergo o olhar para cima de tudo e contemplo um ser angélico, branco como a neve, com uma longa pena, que se me afigura uma lança, espetada atrás. Trata-se do alegre e animador galo do oceano, o soberbo pássaro, que, pelo seu comovente trinado pleno de invocações musicais, foi justamente batizado de «contramestre»<sup>29</sup>.

O Rodondo alado, pleno de vida voltejante, que vi nessa manhã memorável<sup>30</sup>, tinha a sua direta contrapartida nas hostes de barbatanas que povoavam as águas junto da sua base. Abaixo da linha de água, o rochedo parecia uma colmeia de grutas, proporcionando labirínticos esconderijos a enxames de peixes exóticos. Eram todos eles estranhos, muitos extraordinariamente belos, e certamente honrariam os mais vistosos globos de vidro em que se exibem peixinhos dourados. A total novidade de muitos espécimes de entre esta multidão era o que mais impressionava. Viam-se aqui cores nunca antes pintadas e formas nunca antes gravadas.

Para dar uma ideia da multiplicidade, avidez e inominável temeridade e docilidade destes peixes, deixem-me que vos di-

ga que, frequentemente, divisando nas clareiras de água límpida algumas criaturas maiores e menos imprudentes, nadando devagar nas profundezas — descobertas pelos movimentos circulares dos peixes à superfície —, os nossos pescadores tentavam cautelosamente fisgá-las com as suas linhas. Mas em vão, porque não conseguiam passar da zona superior. Mal o anzol tocava no mar, logo uma centena de apaixonados se disputavam pela honra da captura. Pobres peixes de Rodondo! Com a vossa temeridade suicida, pertenceis ao número daqueles que irrefletidamente confiam na natureza humana sem a compreenderem.

Mas a manhã aproxima-se do dia claro. Bando após bando, as aves marinhas descolam para procurar comida nas profundezas. A torre fica completamente despovoada, a não ser nos submersos covis dos peixes. Os viscos refletem os raios dourados como a cal de um alto farol, ou as velas desfraldadas de um cruzeiro. Certamente que, nesta altura, embora nós saibamos que se ergue à nossa frente um rochedo morto e desértico, outros navegadores juram a pés juntos tratar-se de um navio populoso e benfazejo.

Mas peguemos nas cordas para escalar. Embora simples, não é assim tão fácil.

Herman Melville, *As Ilhas Encantadas*